



A Santa Sé

PRIMEIRAS VÉSPERAS DA SOLENIDADE
DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS
E RECITAÇÃO DO "TE DEUM"

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Domingo, 31 de Dezembro de 2006

Senhores Cardeais

Venerados Irmãos

no Episcopado e no Presbiterado

Ilustres Autoridades

Estimados irmãos e irmãs

Estamos reunidos na Basílica do Vaticano para dar graças ao Senhor no final do ano, e para entoar em conjunto o *Te Deum*. Agradeço de coração a todos vós que quisestes unir-vos a mim numa circunstância tão significativa. Saúdo em primeiro lugar os Senhores Cardeais, os venerados Irmãos no Episcopado e no Presbiterado, os religiosos e as religiosas, as pessoas consagradas e os numerosos fiéis leigos que representam toda a comunidade eclesial de Roma. Saúdo de maneira especial o Presidente da Câmara Municipal de Roma e as demais Autoridades aqui presentes.

Nesta tarde de 31 de Dezembro entrelaçam-se duas perspectivas diferentes: uma está vinculada ao fim do ano civil, a outra à solenidade litúrgica de Maria Santíssima Mãe de Deus, que conclui a oitava do Santo Natal. O primeiro evento é comum a todos, enquanto o segundo é próprio dos fiéis. O seu entrelaçamento confere a esta celebração vespertina uma índole singular, num particular clima espiritual que nos convida à reflexão.

O primeiro tema, muito sugestivo, está ligado à dimensão do *tempo*. Nas últimas horas de cada ano solar assistimos à repetição de certos "ritos" mundanos que, no contexto contemporâneo, se

caracterizam predominantemente pela diversão, vivida muitas vezes como evasão da realidade, como que para exorcizar os seus aspectos negativos e para propiciar uma sorte improvável. Como deve ser diferente a atitude da Comunidade cristã! A Igreja é chamada a viver estas horas, tornando seus os sentimentos da Virgem Maria. Juntamente com Ela, é convidada a conservar o seu olhar fixo no Menino Jesus, novo Sol que surgiu no horizonte da humanidade e, confortada pela sua luz, a ter o cuidado de lhe apresentar "as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem" (Concílio Vaticano II, Constituição *Gaudium et spes*, 1).

Por conseguinte, confrontam-se duas avaliações diferentes da dimensão do "tempo", uma quantitativa e outra qualitativa. Por um lado, o ciclo solar com os seus ritmos; por outro, aquela que São Paulo denomina como "plenitude dos tempos" (*Gl* 4, 4), ou seja, o momento culminante da história do universo e do género humano, quando o Filho de Deus nasceu no mundo. O tempo das promessas cumpriu-se e, quando a gravidez de Maria chegou ao seu fim, "a terra como afirma um Salmo deu os seus frutos" (*Sl* 66, 7). A vinda do Messias, prenunciada pelos Profetas, é o acontecimento qualitativamente mais importante de toda a história, à qual confere o seu sentido último e completo.

Não são as coordenadas histórico-políticas que condicionam as opções de Deus mas, ao contrário, é o acontecimento da Encarnação que "preenche" a história de valor e de significado. Nós, que vivemos dois mil anos depois de tal acontecimento, podemos afirmá-lo, por assim dizer, também *a posteriori*, depois de conhecermos toda a vicissitude de Jesus, até à sua morte e ressurreição. Nós somos testemunhas da sua glória e, contemporaneamente, da sua humildade, do valor imenso da sua vinda e do respeito infinito de Deus por nós homens e pela nossa história.

Ele não preencheu o tempo, inserindo-se nele do alto, mas "a partir de dentro", tornando-se pequenina semente para conduzir a humanidade à sua plena maturidade. Este estilo de Deus fez com que se tornasse necessário um longo período de preparação para chegar de Abraão a Jesus Cristo, e que depois da vinda do Messias a história não terminasse, mas continuasse o seu percurso, aparentemente igual mas na realidade já visitada por Deus e orientada rumo à segunda e definitiva vinda do Senhor, no final dos tempos. De tudo isto é símbolo concreto, poderíamos dizer sacramento, a maternidade de Maria, que um evento humano e, ao mesmo tempo, também divino.

No trecho da Carta aos Gálatas, que acabamos de ouvir, São Paulo afirma: "Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher" (*Gl* 4, 4). Orígenes comenta: "Observa bem, que não disse: nascido *através* de uma mulher, mas sim: nascido *de* uma mulher" (*Comentário à Carta aos Gálatas*, PG 14, 1298). Esta observação perspicaz do grande exegeta e escritor eclesiástico é importante: com efeito, se o Filho de Deus tivesse nascido somente "através" de uma mulher, na realidade não teria assumido a nossa humanidade, o que contudo fez, tomando a carne "de" Maria. Portanto, a maternidade de Maria é verdadeira e plenamente humana.

Na expressão "Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher" encontra-se resumida a verdade fundamental sobre Jesus como Pessoa divina, que assumiu completamente a nossa natureza humana. Ele é o Filho de Deus, é gerado por Ele e, *ao mesmo tempo*, é Filho de uma mulher, Maria. Ele provém dela. É *de* Deus e *de* Maria. Por isso, a Mãe de Jesus pode e deve chamar-se Mãe de Deus. Este título, que em grego se diz *Theotókos*, aparece talvez pela primeira vez precisamente na área de Alexandria do Egito onde, na primeira metade do século III viveu o próprio Orígenes. Contudo, ele foi definido dogmaticamente só dois séculos mais tarde, em 431, pelo Concílio de Éfeso, cidade aonde tive a alegria de ir em peregrinação há um mês, durante a viagem apostólica à Turquia. Voltando a pensar exactamente nesta visita inesquecível, como posso deixar de expressar toda a minha gratidão filial à Santa Mãe de Deus, pela particular salvaguarda que me concedeu naqueles dias de graça?

Theotókos, Mãe de Deus: cada vez que recitamos a *Ave-Maria* dirigimo-nos à Virgem com este título: suplicando-lhe que ore "por nós, pecadores". No final de um ano, sentimos a necessidade de invocar de modo inteiramente especial a intercessão materna de Maria Santíssima pela cidade de Roma, pela Itália, pela Europa e pelo mundo inteiro. A Ela, que é a Mãe da Misericórdia encarnada, confiemos sobretudo as situações em que somente a graça do Senhor pode trazer a paz, o alívio e a justiça. "Para Deus, nada é impossível" (*Lc 1, 37*), disse à Virgem o Anjo que lhe anunciava a sua maternidade divina. Maria acreditou e por isso é bem-aventurada (cf. *Lc 1, 45*).

O que é impossível para o homem, torna-se possível para aquele que crê (cf. *Mt 9, 23*). Portanto, enquanto se encerra o ano de 2006 e já se entrevê a aurora de 2007, peçamos à Mãe de Deus que nos obtenha o dom de uma fé amadurecida: gostaríamos que esta fé se assemelhasse na medida do possível à sua, uma fé límpida, genuína, humilde e ao mesmo tempo corajosa, impregnada de esperança e de entusiasmo pelo Reino de Deus, uma fé separada de todo o fatalismo e totalmente orientada para cooperar em plena e jubilosa obediência à vontade divina, certeza absoluta de que Deus só deseja amor e vida, sempre e para todos.

Obtém-nos, ó Maria, uma fé autêntica e pura. Que Tu sejas sempre agradecida e abençoada, Santa Mãe de Deus. Amém!

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana